

“A SOLIDÃO DA MULHER DE FÉ”

1Sm 1,4-5

*“O corpo é uma razão em ponto grande,
uma multiplicidade com um só sentido,
uma guerra e uma paz,
um rebanho e um pastor.”*

Nietzsche

Leyde Maria Leite

Pensando em escrever e des-crever Ana que significa graça, resolvi olhar esta mulher a partir do capítulo 1, pois penso que o capítulo 2 seja consequência, resultado de uma situação concreta, sentida visceralmente no capítulo 1.

Estes dois capítulos nos mostram algo muito particular nas Escrituras, que é a história de duas mulheres, uma estéril e outra fértil. Como Sara (Gn 11,30; 15,2; 16,1; 17,12), como Rebeca (Gn 25,22), como Raquel (Gn 29,31; 30,1), como a mãe de Sansão (Jz 13,3) e o mesmo com a mãe de João Batista (Lc 1,7). Essas mulheres a princípio estéreis tornam-se mulheres – mães por graça de YHWH.

O livro de Samuel: Nasce um precursor...

Este livro inicia-se contando a “história” do nascimento de um herói, como Isaac e Sansão. A família ia à cidade de Silo na grande festa.

Ah! Silo... era bom estar ali entre as vinhas e os olivais (me transporta para o livro de Rute) depois de atravessar campos de cultivo de lentilhas e cevadas. Foi também o santuário, a residência de YHWH, estando aí a Arca da Aliança por algum tempo (Js 18,1 e Jz 21). Lugar escolhido por Deus só podia ser bonito, prazeroso e cheio de vida!

Fala-nos do advento da monarquia em Israel sob o signo de Samuel juiz e profeta.

Quando foi escrito? O autor?

Não há nenhuma referência sobre o autor, ou autores nem sequer sabemos seu nome. Podemos, porém, sentir que tem sentimento, fala a partir do coração. Sabe aliar perfeitamente o natural e o artístico. Como está agora, foi um trabalho dos deuteronomistas.

Deve ter sido escrito no tempo do rei Josias, ou durante o exílio, passando para o leitor que a monarquia está submetida à palavra profética. Mas o período descrito provavelmente seja séc. XI e X início da monarquia em Israel.

“É uma época vazia em meio à política dos impérios”. No Egito a queda dos Ramsés. Na Mesopotâmia a ascensão de Nabucodonosor I e em seguida Teglath-Falasar I da Assíria. Depois dele o império decaiu. As tribos nômades ahlamu, os arameus vão se fundando e consolidando chegando a usurpar o trono de Babilônia.

Neste período de silêncio atuam os povos recentes na Palestina: os filisteus e os israelitas.

Portanto, a beleza/arte deste texto nos coloca além do presente, fala do passado e muito mais à profecia do futuro.

Existe um vazio de poder? Os poderosos estão em queda? Ou vislumbra-se a queda deles porque o Senhor da história “escuta o clamor do seu povo” vivida aqui na mulher-estéril. Falta vida ao povo, ele está sendo pisado, massacrado. Num corpo estéril, Deus colocará novamente a vida. No corpo do povo levanta-se a voz da profetisa Ana.

O que se pensava?

Ana, mulher estéril, vê no fato de sua esterilidade a responsabilidade de Deus (v.5; cf. Gn 30,2) e quando cessa vê a intervenção divina. Todas as mulheres de Israel vêem na falta de filhos uma reprovação de Deus e sofrem terrivelmente por isso. Mas também têm uma clara convicção de que todo filho é dom de Deus. Um filho homem era fundamental para a questão da “herança da terra”. Dom de Deus a seu povo, a terra não tinha preço, e nem podia ser vendida; passava de pai para filho, e também servia para proteger a mulher em caso de viuvez. A maioria das mulheres israelitas vivia e trabalhava no campo. Suas vidas estavam ligadas à geração de filhos, e também à produção, ou seja, à sementeira e à colheita. Nesse contexto encontramos a resistência das mulheres-mães em Israel a favor da vida.

História dentro da história

Ana, casada com Elcana (El-Qanah: Deus cria) de família levítica, residente no território de Efraim, camponês de Ramataim da tribo de Efraim.

Elcana tinha outra mulher Fenena (corais) que lhe deu filhas e filhos. Toda a família ia a Silo em romaria oferecer sacrifícios de comunhão, de cuja carne participavam os oferentes. Era uma celebração alegre e com muita dança. Era dias-momentos de muita festa.

Mas Ana se sentia só, tinha perdido todo gosto pela vida, estava inquieta e triste (v.15-16). É humilhante a esterilidade. É castigo de Deus por alguma culpa. Ela se sentia assim por causa da teologia da retribuição, que o livro de Jó traz para nós com tanta maestria. O castigo vem por causa de algum pecado, alguma falta.

Ela se retrai. Chora. O marido tenta dizer-lhe que o amor entre eles deveria substituir qualquer humilhação (ausência de filhos). Mas, para Ana não é o bastante.

Mas Ana reage. Levanta e desabafa, derrama sua alma a Deus em silêncio, no profundo do seu ser. É uma oração gerada no útero, lugar da vida, e não podia dar ou-

tra, lá está Deus, o Senhor absoluto da vida. Há o grande encontro! E ela promete. Será teu, meu filho! Eu o entregarei por toda a vida, ou seja, eu o devolverei totalmente. É uma Aliança. Não com Elcana, mas com Deus.

O que afinal, Ana falou com Deus?

1Sm 2,1-10

Acaba de ser enviado a Israel um eleito de Deus! Será um homem de grande peso, encarregado de terminar uma era e começar outra, em que vão encontrar reunidas as funções e as vocações de muitas pessoas. A manifestação de Deus novamente será vista no agir de muitas pessoas. Este homem pertence a Deus, desde a sua concepção, por uma consagração particular de sua mãe. Será visto como sacerdote, como juiz, como salvador e principalmente como profeta, uma voz que anuncia e denuncia, um precursor. Como Jeremias e João Batista¹.

Um cântico vem celebrar sua vinda ao mundo e, este, sai da boca de uma mulher, como não poderia deixar de ser.

O Cântico de Ana

- 1 *Então Ana orou dizendo:
Tenho o coração alegre, graças ao Senhor,
e a fronte erguida, graças ao Senhor,
minha boca abre-se contra os meus inimigos:
eu me alegro por tua vitória.*
- 2 *Ninguém é santo como o Senhor,
não há nenhum além de ti.
Não há Rochedo que se assemelhe ao nosso Deus.*
- 3 *Não repitais assim palavras altivas,
não saia insolência de vossa boca:
o Senhor é um Deus que sabe,
é ele quem pesa as ações.*
- 4 *O arco dos guerreiros foi quebrado,
e os que vacilavam cingem-se de força.*
- 5 *Os saciados saem em busca de pão,
e os famintos param.*

1. La danza ante el Arca – pág. 60-61.

- A estéril dá à luz sete vezes,
e a mãe de muitos filhos fenece.*
- 6 *O Senhor faz morrer e faz viver,
faz descer ao Xeol e de lá voltar.*
- 7 *O Senhor torna pobre e enriquece,
rebaixa, e também exalta.*
- 8 *Ergue o fraco da poeira
e retira o pobre do monturo,
para fazê-los sentar-se com os príncipes
e atribuir-lhes o lugar de honra.
Pois ao Senhor pertencem as colunas da terra,
ele pôs sobre elas o mundo.*
- 9 *Ele guardará os passos de seu fiel,
mas os maus perecerão nas trevas,
pois não é pela força que o homem triunfa.*
- 10 *Os adversários do Senhor serão esmagados,
no céu, contra eles trovejará.
O Senhor julgará a terra inteira.
Dará o poder ao seu rei,
reerguerá a frente de seu messias.*

Este hino é um cântico de vitória (cf. Sl 20 e 21), semelhante àquele que o rei pronunciava quando voltava de uma batalha. É a mesma experiência desta mulher ... a de uma vitória.

É um canto espontâneo cheio de sentimentos revoltos como é a própria vida. É do estilo antológico!

Nele Ana repete vinte e uma vezes o nome YHWH; tudo que acontecer será sua obra, será do seu querer. Ela pede sete vezes e já se sente grávida. Nascerá dela uma nova vida, e um novo povo.

Mas ... seu canto não é só seu, mas da ação de Deus para todo o povo.

Ana canta, profetiza a queda dos poderosos, empobrece os ricos, exalta os pobres, marginalizados e esquecidos pela comunidade. Seus adversários serão destruídos.

“O conteúdo é parecido com o livro de Jó 12,7-25”, ele vai muito além do que Ana experimenta em sua vida pessoal. A mulher-mãe sente em seu corpo o que há de vir: opressão que os reis trarão sobre o povo pobre, a mesma opressão que sentia pela sua esterilidade. Fala que a monarquia está agonizante. Os arcos, os príncipes não mais assentarão em seus tronos. Eles não têm futuro. O futuro pertence aos fracos, os esquecidos.

Ana canta a alegria da ação de Deus nela e celebra os feitos de YHWH para com Israel, seu povo. Os sinais de Deus aparecem em meio à fragilidade. Suas flores nascem no deserto. A vitória será de Ana, será do povo.

Mas o feito é de YHWH, “o Senhor que sabe”. Só dele vem a sabedoria, a fecundidade, a vida. Ele é o Senhor do universo. Ana conhece bem a história do seu povo. É da experiência que sai o cântico. Ana mulher-mãe, ao conceber Samuel, mostra ao mundo mais uma intervenção de Deus na história da humanidade.

Samuel, que significa o seu nome é Deus, será líder de Israel, o derradeiro juiz, que consagrará o primeiro rei, Saul. Este cântico serviu de inspiração ao Magnificat. O autor do 3º evangelho não quer escrever somente uma história, mas sim uma “história sagrada”, um relato de mais uma intervenção de Deus entre os homens. O proto-evangelho de Tiago nos conta que Ana, mãe de Maria, ao desmamá-la deverá levá-la ao templo e consagrá-la ao serviço até o dia do seu casamento com José.

Estas histórias tiveram uma imensa popularidade ao longo dos séculos. A liberdade do autor de se utilizar dessas histórias tornando-as, para sempre, sinais para todo aquele que busca esse verdadeiro encontro, gerador de vida, com Deus a serviço do irmão.

O porque ...

“Então Ana orou dizendo:

Tenho o coração alegre, graças ao Senhor,
e a fronte erguida, graças ao Senhor ...” 1Sm2,1.

Ao ler o texto de Ana e trazê-lo ao coração, ou melhor, às minhas entranhas, percebi que a solidão tem um lado extremamente positivo. Foi para Ana e o é para cada uma de nós.

O calar, o olhar para o mais profundo de nós mesmos, nos faz encontrar Aquele que traz para nós o verdadeiro sentido da vida.

Fica palpável, neste encontro, às nossas convicções e ilusões, nossos lutos e nossos limites físicos, intelectuais, morais e afetivos.

É o momento do encontro com o silêncio maior, que é Deus, e que age em nós com imensa ternura, cuidado, afeto e com-paixão.

Percebi que não é o silêncio que nos incomoda, mas o barulho, aquele que identifi-
fico como opressão, destruição e desafeto. Então tenho o ímpeto de gritar tamanha
dor sentida. É um grito que começa no coração. Mas parece-me que ele cai num imen-
so vazio, de vozes e de sentir. O grito não tem som!

Por outro lado, o silêncio... a paz! Ela não é silenciosa, mas solitária. Quantas de
nós sentem solidão por termos consciência dos problemas que nos cercam, como as in-
justiças, desemprego, discriminação, falta de auto-estima, a perda dos valores na so-
ciedade, gerando pessoas que só pensam no prazer imediato, no consumir desbravada-
mente, do aqui e agora, simplesmente. Este é o lado perverso da solidão.

Vejo que o que sinto no meu ventre é a conseqüência do grande pecado social que
empobrece, violenta, endurece os corações e a vida de todas e todos nós. Sinto como se
o mal fizesse raiz nos corações e ações das mulheres e homens da atualidade.

Percebo, então, que o que faço é gritar o choro da Criação. Este é o meu verda-
deiro grito. Sonho de Deus, ousadia de mulheres e homens de fé!

Grandes ausências! O que experimentamos é a certeza de que estamos sós! Si-
lêncio!

Esta solidão que nos toma por inteiro é justamente por não encontrarmos espaços
de realização do reinado de Deus no convívio social, familiar, religioso e pessoal. Vol-
to então, ao grito mudo de Ana. Mesmo depois da pergunta, talvez sincera de Elcana:
“Não valho eu para ti mais que dez filhos” (cf. 2,8b)?

Ela não responde. Levanta e vai buscar alternativas. Ela e o vazio do seu ventre,
do seu coração, da sua paixão!

Junto-me a ela no grito: “Senhor, até quando?”

O hoje da mulher na história dos homens

A luta das mulheres de hoje mudou os contornos. Mas esse cântico nos oferece
também inspiração para nossas experiências no cotidiano, nossas lutas para uma
transformação da sociedade.

Vivemos uma situação de morte-violência, corrupção avassaladora, um capita-
lismo selvagem que por um lado gera luxo e consumismo de uma pequena parcela da
humanidade e do outro gera miséria e fome. Esquecemos que a Mãe-Terra nos gerou e
fazemos tudo para destruí-la com a mesma arrogância dos reis do tempo de Ana. Essa
mesma arrogância provocou em Ana o silêncio. Ela precisa falar com Deus, mas a sós.
Foi à festa, mas não celebrava. Ela teme a incompreensão da comunidade: o sacerdote
a julga bêbada e a repreende (1,14). Ana grita, mas só com os lábios. A voz está presa
na garganta... Ela crê, mas o sofrimento, a aflição a silencia. E neste aparente vazio, é
que Ana descobre a verdadeira celebração. Pois foi nele que ela encontrou a resposta
de Deus. Passa, desde este momento, a trazer em seu corpo a semente da vida, o espe-
táculo do amanhecer. Nela brilhou e brilha o prazer, o ser aliança para a vida. É como

se fôssemos, nós mulheres, a ação visível de Deus, ação contínua da salvação – gerando filhas e filhos – promessas, construtores do maior e mais terno projeto de Deus.

Saiamos, da leitura deste texto, embriagadas do Amor-Verdade de Deus.

Ana pediu ao Senhor, e ele a atendeu!

Nós pedimos ao Senhor, e ele nos atende.

Leyde Maria Leite

Bibliografia

Bíblia do Peregrino

VÁRIOS AUTORES. *Mulher Comunidade*. Petrópolis: Vozes, 1988.

AUZOU, George. *La danza ante el Arca. Estudio de Los Libros de Samuel*. Madrid: Ediciones Fax, 1971.

SERVIÇO DE ANIMAÇÃO BÍBLICA (SAB). *Mulheres Celebrando a Libertação*. São Paulo: Edições Paulinas, 1990.